

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

**Aspectos de Utilização de Marcadores Discursivos no
Português de Moçambique: O Caso da Categoria de
Conjunções de Contraste**

Trabalho de projecto apresentado em cumprimento parcial dos requisitos
exigidos para o grau de licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo
Mondlane

ALICE DOS SANTOS MADEIRA

1996

LT-54

37 = 134.3
M 1810
F. LETRAS U.E.M.
R. E. 26163
DATA 8 / Maio / 1998
AUT. M. O. D. P. T.
COTA LT-54

Aspectos de Utilização de Marcadores de Discurso no Português de Moçambique: O Caso da Categoria de Conjunções de Contraste

Trabalho de projecto apresentado em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para o grau de licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane por Alice dos Santos Madeira.

Departamento de Letras Modernas

Faculdade de Letras

Universidade Eduardo Mondlane

Maputo, Moçambique

Supervisores: dr. Henrique Nhaombe e dr. Carlos Manuel

Maputo, Outubro de 1996

aos meus pais

DECLARAÇÃO

Declaro que este trabalho de projecto nunca foi apresentado, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para que este trabalho fosse realizado, em especial:

Aos meus supervisores, dr. Henrique Nhaombe que gentilmente acompanhou os primeiros passos deste trabalho e ao dr. Carlos Manuel, pela paciência e grande atenção dispensada, pela compreensão nos momentos mais críticos da minha investigação.

Ao Paulo, pelo apoio dado para a concretização deste trabalho.

Ao dr. Nataniel, pela disponibilidade que ofereceu.

A todos os meus professores, em especial os do curso de linguística.

Aos meus colegas de curso, especialmente à Marta, Sara, Danilo, Avelino, Nhacos, Fernanda, Mariamo e ao Passos.

Aos meus irmãos, Manu, Zé, Bobo, Ana e Bia, pelo interesse mostrado em me verem formada.

Ao meu querido e adorado sobrinho Colm pela sabotagem tão gostosa.

Aos meus colegas do Tribunal Supremo, Edmundo e Sidumo pela compreensão, apoio moral e material sempre oferecido.

Ao 012 pelo seu calor humano.

Por último, mas não menos importante, ao meu amigão Rui, pelo carinho, ajuda, e principalmente pela paciência que teve; aqui vai o meu obrigado.

SUMÁRIO

Este trabalho de projecto pretende mostrar a utilização distinta de marcadores discursivos no português de Moçambique em relação ao português Europeu. Socorremo-nos de utilizações que aparecem em jornais Notícias e Demos, como motivação, através do uso do marcador discursivo “**no entanto**”. O trabalho pretende também propor um ensino da língua portuguesa que dá ênfase a aspectos de funcionalidade da língua uma vez que parece-nos que esta utilização distinta seja o reflexo do trabalho feito nas escolas.

A proposta resultará de um trabalho a levar à cabo em escolas, onde analisaremos actividades lectivas; um trabalho que será antecedido por uma análise de programas e manuais de ensino.

O estudo compreende 5 capítulos, a saber: a introdução que é o **capítulo 1** do trabalho. Apresentaremos nesta parte, um breve historial da língua portuguesa em Moçambique, o âmbito do nosso trabalho, sua motivação e terminaremos o capítulo com a relevância e justificação do tópico escolhido. No **capítulo 2** apresentaremos uma breve revisão da bibliografia, onde são apresentadas as bases teóricas subjacentes ao estudo. Indicaremos o nosso quadro teórico mostrando sob que base teórica levaremos à cabo o trabalho, no **capítulo 3**. No **capítulo 4**, serão apresentados os procedimentos metodológicos tidos em consideração para a recolha, análise e classificação dos dados. Por último, apresentamos um possível impacto da realização deste trabalho, isto no **capítulo 5**.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1. O PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE: BREVE HISTORIAL

Moçambique é um país multilíngue, onde o português coexiste com línguas Bantu; línguas naturais que têm formas específicas de codificar o mundo.

Assim, perante esta situação onde nem todos partilham a mesma língua materna, era imperioso que se encontrasse uma língua que unisse os moçambicanos comunicativamente. O português foi então visto como, segundo palavras proferidas em 1979 pelo então Ministro da Educação citado em Lopes, A. J.(1994), veiculador dessa união, como língua de unidade nacional, como língua que permitia a comunicação entre os moçambicanos que tinham diferentes línguas maternas.

O estatuto oficial atribuído a língua portuguesa, provocou um aumento considerável de utentes que, por outro lado, foi acrescido pelo alargamento de situações em que o seu uso passou a ser obrigatório; tais como o ensino pré-escolar, ensino primário e toda a educação formal em geral; o serviço informativo do país, e também a literatura.

Segundo Rosário, L. (1993), com o objectivo de promover o uso desta língua formalmente foram desenvolvidas, em 1978, campanhas de alfabetização e ensino da língua portuguesa. Houve pressão sobre as populações, no sentido de aprenderem o português para o usarem nas suas relações com as instituições do Estado.

O Sistema Nacional de Educação instituído em 1983, tinha como objectivo o ensino da língua portuguesa no país, por via da qual se erradicaria o analfabetismo. Deste modo, esta língua passou a ter novos utentes e novos valores que a distanciam da Norma Europeia, levando a crer que está-se perante o surgimento de uma variante portuguesa africanizada, particularmente moçambicanizada. Devido a isso, é preciso, que mais trabalhos sejam feitos sobre o processo de ensino-aprendizagem do português em Moçambique. É nesse contexto que se situa o nosso estudo que versará sobre os marcadores de discurso.

1.2. ÂMBITO DO TRABALHO E SUA MOTIVAÇÃO

O estudo dos **marcadores de discurso** situa-se no âmbito da ciência da pragmática, que estuda a maneira como a língua e o contexto da situação comunicativa se relacionam; numa situação em que o contexto é definido como sendo a intenção do falante, conhecimento, crenças e expectativas (Kaplan 1972).

Alguns trabalhos realizados na área do discurso tais como a "Análise de Erros da Preposição **com** Produzidos por Alunos Moçambicanos" de Dias, H. (1990) e "Uma Análise de Erros no Domínio de Alguns Conectores em português" de Simione,

A. G. (1996) mostram, de facto, a existência de tendências para mudanças na utilização funcional da língua portuguesa em Moçambique.

A motivação para o nosso trabalho foi a forma como alguns jornais, nomeadamente, Notícias e Demos, organizam a sua escrita, no que diz respeito a utilização dos **marcadores discursivos**, onde parece-nos haver uma utilização distinta quando contrastada com a da Norma Europeia. A importância de um estudo contrastivo resulta do facto de a caracterização de uma determinada língua e demonstração da maneira como esta difere das outras mostrarem a sua distintividade, através do estudo das diferenças existentes entre.

Acreditamos que esta distinta utilização seja, por um lado, o resultado do insuficiente conhecimento das regras que regem a língua e as relações de co-texto, e por outro lado, como consequência disso, o surgimento de uma nova variante do português em Moçambique, bem diferenciada da Norma Europeia. O desconhecimento dessas regras encaminha-nos para o problema de ensino-aprendizagem de língua segunda, estatuto que o português detem em Moçambique, consequência talvez da não existência de uma política linguística ou porque houve uma evitação de formulação desta, o que resultou numa continuação da política herdada dos anos anteriores à independência. Com efeito, o português em Moçambique foi imposto como língua oficial/obrigatória. Desde os primeiros anos da independência, foi tido e considerado como língua operacional, e de consenso e a que melhor permitiria conhecer o inimigo, Ganhão, F. (1979). Esta política já vinha, no entanto, desde a luta armada.

Segundo Gonçalves, P.(1989), o recenseamento de 1980 revela que cerca de 25% dos falantes de línguas do grupo Bantu teve acesso à aprendizagem do português, sendo muito variado o grau de domínio desta língua. Assim, em Moçambique, sendo o português língua segunda para uma grande maioria, pensamos que todo o ensino desta língua deve ter em conta esse pressuposto; pois, a língua está sujeita a alterações motivadas pela dinâmica social existente em Moçambique como por exemplo o êxodo rural.

A situação de línguas em contacto, condiciona o surgimento de variações nas línguas envolvidas, variações que com o tempo, podem passar a fazer parte do léxico, sintaxe e semântica dessas línguas, depois de cristalizadas.

Com efeito, "numa situação de bilinguismo, surgem perturbações na aprendizagem da língua segunda e no uso das línguas em coexistência porque a aprendizagem e uso desta está feita em função da língua materna" Firmino, G. (in LIMANE 3). Assim, inevitavelmente "começa a haver um certo número de erros que pela sua frequência e regularidade, constituem o embrião de uma futura norma" Silva, J. G. (R.I.L.P. n.º5/6; 1991).

1.3. RELEVÂNCIA E JUSTIFICAÇÃO DO TÓPICO

O trabalho de Projecto que nos propomos realizar prende-se, como dissemos, com a problemática da utilização da língua. Ao observarmos na escrita dos jornais, acima mencionados, algumas formas distintas de utilizar os marcadores discursivos

achamos que estudando essa nova forma poderíamos contribuir para a análise do português em Moçambique.

Segundo Coulthard (1977), citado em James, C. (1980), existem dois níveis de aprendizagem de uma língua: Formal e Funcional. Quando falamos do nível formal estamos a falar da aprendizagem da língua ao nível das regras que regem a sua organização estrutural. E ao nível funcional, trata-se da língua e o contexto em que ela é produzida para significar algo; estamos a falar da língua utilizada com determinada função, isto é, como os utentes dessa mesma língua utilizam as formas para comunicar.

O nosso trabalho enquadra-se naquilo que é conhecido como utilização da língua. Deste modo, sendo os marcadores de discurso palavras que ligam proposições ou frases relacionando coesivamente o significado entre elas, não nos parece que nos exemplos retirados dos jornais o mesmo aconteça com, por exemplo, o marcador discursivo “no entanto”. Daí querermos levar à cabo este trabalho para verificarmos o que estará por detrás desse fenómeno.

Com efeito, devido as observações que verificamos na utilização deste marcador, e porque pensamos que isso não acontece apenas com o marcador “no entanto”, este trabalho analisará as actividades constantes dos programas e manuais de língua portuguesa do ensino secundário por forma a observarmos até que ponto o nível funcional da língua, no que toca aos marcadores de discurso, é trabalhado nas aulas.

Halliday e Hasan (1976), define a conjunção como um tipo de relação semântica onde o que vem a seguir é sistematicamente ligado ao que está em primeiro lugar. Segundo os mesmos autores, a conjunção pode ser aditiva, adversativa, causal e temporal.

Constatamos que palavras como “no entanto” parecem ter adquirido uma nova carga semântica. Assim, “no entanto”, um conector classificado como conjunção adversativa, segundo Halliday e Hasan (op. cit.) que na frase indica a não satisfação de condições possíveis ou prováveis ou, por outro lado, a não ocorrência dos acontecimentos de acordo com as expectativas, nos exemplos que observamos este conector aparece, por vezes como um marcador discursivo aditivo e até, como se pode ver a seguir, como conclusivo.

(1) (...) *“O guarda-redes do Chingale de Tete, defendeu tudo e todos. O jogo terminou sem que, no entanto, o Maxaquene tivesse conseguido o golo”.* (...) *(in jornal Demos 07/07/96).*

Ao analisarmos o conteúdo desta frase, percebemos que a presença deste conector contrastivo ou adversativo, torna o significado geral da frase deturpado. Isto porque a segunda proposição não contrasta com a primeira, nem introduz ou nos dá uma conclusão inesperada. Através da leitura que fazemos percebemos que o Maxaquene não marcou nenhum golo uma vez que o guarda-redes do Chingale defendeu todas as bolas.

Para este exemplo apresentamos a seguinte frase alternativa:

(2) *“o guarda-redes do Chingale de Tete, defendeu tudo e todos e, por isso, o jogo terminou sem que o Maxaquene tivesse conseguido o golo”.*

Pretendemos, assim, com o nosso estudo contribuir para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem do português língua-segunda em Moçambique. E o facto da motivação que tivemos ter sido de jornais já ilustra, em parte, a importância deste estudo, uma vez que depois do ensino formal os “mass media”, em geral, são os que mais contribuem para a aprendizagem, formação e conseqüentemente estandardização de uma variante através dos seus textos transmitidos diariamente a opinião pública. Por outro lado, recorreremos a um estudo funcional da língua, porque segundo Corder (1981), conhecer uma língua não significa apenas dominar as regras gramaticais, mas também dominar as regras para a sua utilização.

Estudar o português em Moçambique permitirá conhecer o estágio actual da língua de modo a verificar o que está acontecendo neste espaço geográfico. Constitui também um dos nossos objectivos, através deste estudo reforçar a ideia da necessidade dos programas de ensino de língua incluírem o ensino das regras para uma boa formação semântica dos enunciados, o que levará a uma boa utilização da língua.

CAPÍTULO 2

REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA

Segundo Van Dijk (1977), a conexão é uma noção semântica que tem a ver com a ligação das proposições. Sendo assim, para que duas proposições sejam ligadas é preciso que as duas proposições estejam ligadas ao mesmo tópico de conversação e que os factos relatados estejam ligados a um tempo, lugar e mundo possíveis.

Deste modo, ele apresenta-nos dois tipos de conectores: lógicos e naturais. O primeiro tipo preocupa-se com o valor de verdade dos termos; e o segundo preocupa-se com o significado, preocupa-se com as proposições, com os valores das proposições num mundo possível. Dentro dos conectores naturais, Van Dijk estabelece quatro categorias sintácticas de conectores que são: a categoria de conjunções, a de advérbios frasais, a de interjeições e partículas e a categoria de nomes, verbos, frases, etc.

Para o nosso trabalho, interessa-nos a categoria sintáctica das conjunções, onde Van Dijk nos apresenta uma classificação segundo a gramática generativa, a saber: conjunção, disjunção/alternação, contraste, concessão, condição, causalidade/razão, finalidade e circunstância (tempo, lugar, e modo). O conector de contraste que será analisado nos nossos exemplos, segundo Van Dijk (op. cit.) expressa a não satisfação de uma expectativa ou curso normal dos acontecimentos ou

ainda, expressa estados ou eventos inesperados. Para que tal aconteça, o antecedente nestes casos denota uma condição suficiente para a negação da proposição expressa pelo conseqüente.

O conector de contraste pode ser representado lexicalmente por conjunções contrastivas, por advérbios e também por proposições.

Por seu turno, Fonseca, J. (1992), no que se refere a coesão afirma o seguinte: “a coesão gramatical que é uma relação semântica entre um elemento do texto e um outro, ocorre quando a interpretação de um enunciado depende do co-texto”. Co-texto é definido como sendo o contexto linguístico.

A coesão, segundo Fonseca, J. (op. cit.), tem recursos que assumem um carácter relacionador, garantindo a consistência interna semântica do texto, assegurando deste modo, uma continuidade semântica entre os enunciados. O autor acima referido, estipula dois tipos de coesão: por junção e por equivalência; dentro da coesão por junção encontram-se todas as relações conectivas. O nosso trabalho descreverá a utilização feita a um marcador de discurso que se encontra no âmbito da coesão por junção, que segundo o autor, é designado de junção contrastiva.

Winter (1971), citado em James, C.(1980), diz que os conectores servem para indicar que tipo de relação lógica o autor do texto estabelece entre os enunciados ou partes do enunciado no texto. Assim, Winter (1971) identificou, cinco categorias de conectores mais frequentes que podem ocorrer nos textos: os conectores de sequência

lógica, contraste, dúvida, não contraste e os de expansão. O conector de contraste, categoria sobre a qual o nosso trabalho irá se debruçar, introduz no texto a ideia de oposição, de não observância de uma dada sequência dos acontecimentos descritos no texto.

Ainda no que se refere a junção, Mateus et al (1989), considera a existência de dois tipos de conectores; os conectores lógicos e os conectores linguísticos. Os conectores linguísticos, podem expressar vários tipos de junção: conjunção, disjunção, contrajunção e subordinação; esta é a categoria que Van Dijk chama de conectores naturais.

Segundo Mateus et al (op.cit.), a junção contrastiva, ou contrajunção, ocorre em frases concessivas onde o conteúdo da primeira proposição, implica a negação do conteúdo proposicional expresso pelo segundo membro da sequência. Expressa ainda a não satisfação de condições (necessárias, prováveis ou possíveis) para que uma dada situação tenha lugar. Observando o objecto desta discussão, encontramos o seguinte em Mateus et al (1989):

"No entanto, é uma junção contrastiva, ou simplesmente uma contrajunção, que liga duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, a ideia de contraste". Esta junção contrastiva ocorre em orações concessivas, expressando uma relação de negação entre as proposições; e procura contrastar o curso normal dos acontecimentos.

Observe-se o seguinte exemplo como ilustração:

(3) *Estava tão calor, no entanto, o João saiu de casaco.*

A frase consequente, "o João saiu de casaco" expressa uma atitude ou comportamento inesperado, isto porque, o conteúdo e a lógica dos acontecimentos prevê algo completamente diferente. Estando calor esperaria-se que o João saísse o menos agasalhado possível, mas o que acontece é exactamente o contrário.

O que nós podemos observar a partir dos dados que temos vindo a citar é que em relação a escrita de alguns jornais esta colocação e utilização do marcador de discurso de contraste não se tem verificado de acordo com as regras, isto é, a utilização do "no entanto" como uma contrajunção.

De acordo com o que dissemos sobre a junção contrastiva e a acrescentar o exemplo (1) que fornecemos, observemos as seguintes frases retiradas dos jornais em referência bem como alguns comentários que tecemos sobre as mesmas:

(4) *"A delegação da RENAMO em Mombaça fechou as suas portas por falta de dinheiro. No entanto, e de igual modo as Delegações políticas da UD e da UNAMO encerraram as suas instalações por falta de fundos" (...) (in jornal Notícias 17/07/96.).*

Neste exemplo, o tópic discursivo é a falta de dinheiro para os partidos políticos em Moçambique. Esta falta de dinheiro fez com que a RENAMO encerrasse a sua delegação em Momba. A segunda proposição, que está ligada ao mesmo tópic, é conectada com a primeira por um conector contrastivo quando ela não contrasta o sentido ou significado da primeira. O facto de o autor da frase ter usado mais adiante outra expressão conectiva “**de igual modo**” mostra que o que vai dizer a seguir não é contraditório.

A presença destes dois conectores, um contrastivo e outro de sequência lógica já torna a frase inapropriada, pois estes nunca ocorrem numa mesma sequência. Em suma, tanto a RENAMO como a UD e a UNAMO encerraram as suas portas por falta de fundos.

Observemos outros exemplos com utilização inapropriada de “**no entanto**”:

(5) (...) “*A selecção de atletas para a maratona na Swazi será feita em Inhambane onde decorrerá uma meia maratona no próximo domingo. No entanto, a meia maratona de Inhambane poderá reunir atletas de todo o país*”. (...) (in jornal Notícias, 22/08/96);

(6) (...) “*Este problema da violência doméstica, segundo opinião de críticos não se circunscreve apenas a problemas culturais e de pobreza. No entanto, a luta promete ser bicuda, pois há os que defendem que a violência*

doméstica é necessária para a evolução das sociedades". (...) (in jornal Demos, 18/09/96);

Ao apresentarmos estes exemplos como inapropriados, fazemo-lo porque depois do que se disse acerca do conector contrastivo no primeiro exemplo, ao observarmos e analisarmos o exemplo (5) achamos de relevo apenas acrescentar o seguinte: a presença deste conector nestas frases é irrelevante uma vez que a sua retirada não alterará o sentido e a colocação nesse lugar de um conector aditivo, tornaria mais apropriada a frase. As justificações que nós apresentamos para o exemplo (1), do porquê é que nós consideramos esta construção inapropriada é válida para estes exemplos.

Importa ainda acrescentar que no exemplo (5) o facto da maratona a realizar-se em Inhambane ter como finalidade seleccionar atletas para representar Moçambique então, a ideia de que ela poderá contar com os melhores atletas de todo o país é obvia e daí implícita.

No exemplo (6), por outro lado, encontramos duas proposições ligadas por uma contrajunção onde a primeira proposição transmite um significado e a segunda outro completamente diferente. Assim, de acordo com aquilo que são as funções dos conectores, isto é, manterem uma continuidade semântica entre as proposições vimos que aqui não se verifica essa sequência. Existem duas ideias diferentes, dois sentidos diferentes.

2.1. FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO

Tomando em consideração as referências bibliográficas apresentadas e o que se observa na prática, o nosso trabalho assenta nos seguintes pressupostos.

1º O ensino de marcadores discursivos tendo em conta apenas regras gramaticais com vista a uma boa organização estrutural da frase, não permite que os aprendentes façam uma utilização apropriada dos mesmos;

2º O ensino de marcadores discursivos tendo em conta regras gramaticais para a organização estrutural associada a sua contextualização e exercitação frequentes fará com que os aprendentes construam enunciados apropriados com os mesmos.

CAPÍTULO 3

QUADRO TEÓRICO

Neste trabalho, intitulado Aspectos de Utilização de Marcadores Discursivos no Português de Moçambique: O Caso da categoria Conjunções de Contraste pretendemos encontrar, as causas que estão na origem da utilização distinta dos marcadores quando contrastada com a Norma Europeia.

Para levar à cabo tal estudo, trabalharemos com a noção de conjunção contrastiva segundo a classificação de Van Dijk (1977), que considera, por exemplo, “no entanto” e outros da mesma categoria como marcadores discursivos, que mantém entre as proposições uma continuidade semântica estabelecendo porém, a não observância da ordem normal dos acontecimentos ou a não satisfação de certas condições possíveis.

Por forma a encontrar as causas dessa utilização distinta, a classificação de Van Dijk (op. cit.) parece-nos a mais apropriada, devido a tipologia por ele adoptada e também devido a sua sistematização no que se refere a forma de ocorrência dos marcadores de discurso. Assim, acreditamos que com este modelo poderemos alcançar aquilo que são os nossos objectivos. Aspecto importante a acrescentar é que segundo Van Dijk (op. cit.), na análise destes marcadores é preciso ter em conta o tópico do discurso, e se os factos relatados estão ligados ou não ao mundo possível.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

4.1 RECOLHA DE DADOS

Embora tenhamos identificado os desvios de utilização do conector “no entanto” em jornais, levaremos à cabo o nosso trabalho em escolas, pois pensamos que o que verificamos nos jornais é reflexo do trabalho que vem sendo efectuado nas escolas, particularmente nas aulas de ensino da língua portuguesa.

Assim, pretendemos neste capítulo, mostrar como iremos realizar a investigação. Com efeito, através de um modelo descritivo, faremos o estudo, sem manipulação de dados recolhidos, observando e descrevendo o conteúdo dos programas e manuais de ensino do português no ensino secundário, concretamente os da 9ª classe, e as aulas de língua portuguesa, especialmente no que diz respeito ao tipo de actividades priorizadas pelos professores para a consolidação dos conceitos de âmbito formal que administram.


Escolhemos os programas e manuais de ensino do português em contraste com as actividades porque, a utilização da língua é também uma componente que deve ser ensinada. Com efeito, se são ensinadas as regras gramaticais constantes dos programas devem também ser ensinadas as regras para sua utilização, isto é,

escolhemos esta forma de trabalho porque, pretendemos direccionar o nosso estudo para o ensino da língua de acordo com contextos de situações reais de comunicação e este aspecto assume-se importante quando se trata de ensino-aprendizagem de língua-segunda, como é o caso da língua portuguesa para a maior parte dos moçambicanos.

Trabalharemos com a 9ª classe porque pensamos ser neste nível onde as actividades deviam começar a ser de desenvolvimento e consolidação dos conteúdos aprendidos nos níveis anteriores, devendo acentuar-se o ensino funcional da língua uma vez que, por um lado, as bases puramente gramaticais já deviam estar criadas e, por outro lado, devido a idade e por corresponder ao nível onde os alunos começam a desinibir-se em termos comunicativos, isto é, já se assumem maduros com ideias próprias e que, portanto, precisam de comunicar apropriadamente. Assim, a partir de leituras a efectuar a esses programas e manuais de ensino do português, e de observações em relação as aulas descreveremos o conteúdo dos mesmos, no que se refere aos métodos utilizados para o ensino de marcadores discursivos, isto é, em termos do modo como se processa o seu ensino; quais as estratégias de ensino utilizadas.

De acordo com o que apresentamos no *Quadro Teórico*, os marcadores discursivos que serão analisados neste trabalho pertencem a categoria das conjunções de contraste, segundo o modelo apresentado por Van Dijk (op. cit.). São assim denominados porque expressam na frase concessiva, a não satisfação de uma expectativa ou a não satisfação do curso normal dos acontecimentos. Como dissemos anteriormente pretendemos verificar especificamente, para além do que

gramaticalmente vem definido em relação a esta categoria de conectores nos programas e manuais, como se processa o seu ensino, que actividades estão programadas e como são realizadas, como é que o próprio professor em comunicação com os seus alunos utiliza estes marcadores, etc., como forma, por um lado, de justificar os desvios que apontamos anteriormente, e por outro lado, sermos capazes de apresentar algumas recomendações para possível correcção.



Para levarmos à cabo o trabalho que nos propomos, seleccionaremos 4 escolas do ensino secundário (ES) onde 2 serão urbanas e 2 suburbanas. Estabelecemos esta divisão para que tenhamos, um campo de análise mais amplo e variado e podermos dessa forma prever a dimensão do problema, e por acharmos que o meio de localização da escola pode intervir no ensino-aprendizagem de língua. Nessas escolas assistiremos a uma média de 5 aulas em cada escola, sendo a nossa posição puramente observadora, não participante.

Ao assistirmos essas aulas pretendemos ver como são ensinados estes marcadores discursivos, queremos ver qual a metodologia de ensino utilizada. Escolhemos esta via para a recolha dos nossos dados e levar, deste modo, a nossa investigação em diante porque só a descrição dos conteúdos dos programas e manuais não seria suficiente, para determinar e descrever aquilo que acontece na utilização do conector no dia a dia, daí a necessidade de alargarmos a amostra através de assistência às aulas.

Para tal faremos uso de duas fichas de observação (ver anexo 1 e 2), uma para a descrição dos conteúdos dos programas e manuais e outra para as aulas a assistir. Pretendemos através delas obter informações sobre aquilo que são as bases para o ensino desta língua.

Para complementar e sustentar os nossos dados um inquérito sociolinguístico será elaborado (ver anexo 3), para recolhermos dados sobre os professores. Este inquérito será elaborado por forma, a observarmos algumas variáveis intervenientes no processo de ensino de língua. Pretendemos com ele, de uma forma global ter acesso a informação sobre o professor em termos do seu *background* social, sua formação e experiência académico-profissional.

Apresentaremos este inquérito porque achamos que o meio e a formação do professor jogam um papel importante no ensino da língua. Uma vez que a sua formação profissional permitirá um maior desempenho na sala de aulas e naturalmente uma melhor interpretação daquilo que são os conteúdos dos programas. As respostas obtidas a partir deste formulário devem ser devidamente testadas e posteriormente relacionadas com as hipóteses que colocamos.

4.2. DESCRIÇÃO DOS DADOS

Descreveremos os dados recolhidos dos programas e das actividades tendo em conta o item com maior frequência em termos de:

- nível de língua ensinado (formal/funcional);
- tipo de aulas (teóricas/práticas);
- regularidade de cada tipo de aulas;
- tipo de actividades/exercícios (de apresentação, consolidação, descrição);
- tempo dedicado a essas actividades/exercícios;

Pretendemos, com base nestes itens, verificar que peso é dado a actividades que levam a apreensão das duas grandes componentes da língua, isto é, a componente formal (que quanto a nós diz respeito a competência) e a componente funcional (que neste caso ligaremos-la a *performance*).

Com o inquérito sociolinguístico queremos basicamente observar a forma como o meio e a formação do professor podem ou não influenciar a interpretação dos conteúdos dos programas e a realização das actividades práticas da língua.

4.3. TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

Uma vez apresentada a forma como iremos obter o nosso *corpus* e a partir de que fontes, apresentaremos a seguir como procederemos o tratamento dos dados recolhidos.

O tratamento destes dados será feito apresentando-os quantitativamente em relação ao respectivo parâmetro. Assim, apresentaremos o número total de aulas assistidas distribuído por cada parâmetro a ser analisado. No final faremos uma leitura

das respostas obtidas em cada escola observada e teceremos um comentário geral sobre quais foram os itens com maior frequência ou mais destacados. Finalmente para terminar apresentaremos percentualmente e de uma maneira geral, a situação do ensino nas escolas estudadas em forma de um gráfico de frequência para melhor contrastar os dados, bem como, as possíveis influências do *background* dos professores no ensino da língua e o facto de a escola ser de um meio urbano ou suburbano.



CAPÍTULO 5

POSSÍVEL IMPACTO DO TRABALHO

No nosso capítulo introdutório apresentamos as condições da língua portuguesa em Moçambique. Vimos que o português é língua-segunda para mais de metade da população moçambicana, e que portanto, existe um número elevado de bilingues. O ensino desta língua deve, então, ter em conta este pressuposto. Se ao nível desses falantes existe um domínio da língua, é essencialmente ao nível das regras gramaticais, aliás como os nossos exemplos mostram. Achamos, por isso, que é importante fazer-se uma abordagem contextual porque, neste caso os conectores têm a função de manter uma relação de coesão entre as proposições pois, não basta que estejam gramaticalmente correctas, em termos de terem as posições gramaticais perfeitamente preenchidas por elementos esperados; é também preciso que haja uma relação entre os significados das proposições. E aí voltamos a citar Corder(1981), que diz que conhecer uma língua não é apenas dominar as regras gramaticais da língua é preciso dominar também as regras para a sua utilização.

Com a realização deste trabalho e uma vez testadas e confirmadas as nossas hipóteses, ficará um alerta para que nos programas de ensino do português se inclua, o ensino da língua de acordo com situações reais de comunicação e, de uma maneira específica, se incluam mais actividades práticas de utilização desses conectores.

O nosso trabalho associar-se-á a muitos outros já realizados e constituirá assim um instrumento de consulta para o melhoramento dos programas de ensino e aulas de português em Moçambique. Uma vez validado o nosso inquérito sócio-linguístico (Anexo 3) e confirmada a interferência da formação e meio do professor no ensino da língua, alertaríamos para que mais actividades de formação dos próprios professores fossem desenvolvidas, por um lado, e que se tivesse em conta nessas actividades de formação o meio de origem e/ou de trabalho do professor, por outro.

Para além do que dissemos este trabalho poderá também levar a realização de outros estudos que visem dar ênfase a esta complementaridade que este trabalho pretende mostrar: área formal e a área funcional da língua.

BIBLIOGRAFIA

CORDER, S.P.; **Introduction Applied Linguistic**. England: Copyright S. Pit. Corder, 1985.

CONNOR, M. e KAPLAN, R.B.; **Writing Across Language: Analysis of L₂ text**: EUA: Addison-Wesley Publishing Company, 1987.

CUNHA, E. e CINTRA, L.F.L.; **Gramática do Português Contemporâneo**: 3ª edição, Lisboa: J.S.E., 1989.

FIRMINO, G.; **Alguns Problemas da Normatização do Português em Moçambique**: LIMANI, Novembro, 1987, N°3.

FRACH, C., HAASTRUP, K. e PHILLIPSON, R.; **Learner Language and Linguagem Learning**: England: Multilingual matters Ltd., 1984

FONSECA, J.; **Linguística e Texto/Discurso: Teoria, Descrição Aplicação**: 1ª edição. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

GANHÃO, F.; **O Papel da Língua Portuguesa em Moçambique**: Maputo: Ministério da Educação e Cultura, 1979.

GONÇALVES, P.; **Situação Linguística em Moçambique: operações de escrita:**
In: Colóquio-Letras, Lisboa, 1989.

HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, R.; **Cohesion in English:** 1st edition .New York:
Longman Group Limited, 1976.

JAMES, C.; **Contrastive Analysis:** 1st edition, England: Longman Group Limited,
1980.

LOPES, A.J.; **Language Policy in Mozambique: A Taboo?:** 1st World Congress of
African Linguistics, 1º, 1994, Kwaluseni.

MATEUS, M.H.M. et al; **Gramática da Língua Portuguesa:** 3ª edição, Lisboa:
Caminho, 1989.

ROSÁRIO, L.; **Língua Portuguesa e expressão Moçambicana:** In: Discursos:
Estudos de Língua e Literatura Portuguesa, Coimbra, 1993.

van DIJK, T.A.; **Text and Context: explorations in the Semantics and Pragmatics
of Discourse:** EUA: Longman Group Limited, 1977.

ANEXOS

ANEXO 1

FICHA 1: CONTEÚDO DOS PROGRAMAS E MANUAIS DE ENSINO

	Nos programas	Nos manuais
1. Nº de aulas sobre os conectores		
2. Conteúdo dos temas sobre os conectores		
3. Objectivos dos temas a serem tratados		
4. Material recomendado para suportar os temas		
5. Tipo de aulas a) Expositivas b) Argumentativas c) Teóricas d) Práticas		
6. Regularidade dos tipos de aulas		

NOTA: Utilizaremos apenas uma ficha destas porque partimos do princípio que o programa de ensino nas escolas públicas é o mesmo ao nível do país.

ANEXO 2
FICHA 2: ACTIVIDADES NA SALA DE AULAS

Escola _____ Nome do Professor _____
Data ____/____/____

A (1)

	Formal	Funcional
Nível de língua		
Duração da aula		

A(2)

	Teórica	Prática
Tipo de aula		
Duração de cada aula		

B(1)

TIPO DE EXERCÍCIOS

TEMPO

B(2) Categorização dos exercícios:

FORMAL

FUNCIONAL

B(3) Regularidade dos tipos de exercícios _____

(C) Materiais utilizados _____

(D) Outros comentários sobre o desempenho do professor na aula _____

NOTA: Todas as aulas serão assistidas tendo como apoio a presente ficha.



ANEXO 3
INQUÉRITO SOCIO-LINGUÍSTICO SOBRE O PROFESSOR

Escola _____

1. Nome do professor

2. Naturalidade

3. Língua materna

4. Outras línguas que fala

5. Formação académico-profissional:

LOCAL

DATAS

6. Cursos de capacitação:

LOCAL

DATAS

7. Experiência profissional:

LOCAL

DATAS

8. Outras informações profissionais relevantes

NOTA: Este inquérito será preenchido através de uma conversa que teremos com cada professor antes de assistirmos as respectivas aulas.

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ECONOMIA E POLÍTICA EM TRANSIÇÃO:
ESTUDO DO CASO CFM-SUL (1964-1980)

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos
requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura
em História da Universidade Eduardo Mondlane

JÚLIO VANMALI BICA

Maputo, 1996

